

#### 4. Vozes da Juventude de Periferia: Movimento Cultural do Hip-Hop no Rio de Janeiro

O Movimento Cultural do Hip-Hop no Rio de Janeiro é amplo e diversificado, abrangendo uma variedade de adeptos, entre moradores de favelas, periferias e subúrbios, bem como indivíduos da classe média e alta carioca. O hip-hop não é um fenômeno estritamente social, e constitui hoje, no Rio de Janeiro e no mundo, uma forma de fazer música e vender cultura que alimenta o mercado cultural. Absorvido também pela mídia e pelos redutos noturnos, seja na Lapa ou na Zona Sul, o hip-hop não deixa de ser um produto da periferia. É um instrumento de resistência que questiona o papel do jovem de periferia na sociedade, re-constroi e re-afirma a identidade desta juventude, ao mesmo tempo em que propõe uma ação através da arte e do ativismo. O hip-hop também expressa uma “*atitude consciente*”<sup>1</sup> que visa o conhecimento, a educação, o auto-perfeccionamento, o prazer e a diversão.

No entanto, as variadas formas de expressão e atuação dos movimentos de hip-hop que emergem na sociedade, devem ser compreendidas como reflexos e conseqüências da própria sociedade e, como afirma Castells, “do ponto de vista analítico, não há movimentos sociais “bons” ou “maus”. Todos eles são sintomas de nossas sociedades, e todos causam impacto nas estruturas sociais, em diferentes graus e intensidades” (2006, p.95).

Deste modo, alguns grupos que compõem o Movimento do Hip-Hop podem ser conservadores, outros têm um perfil “revolucionário”, e outros ainda podem se constituir como organizações não governamentais (ONG) que afirmam não ser um movimento social. O que nos faz entender que, os movimentos culturais de hip-hop devem ser entendidos a partir de suas especificidades: conforme sua gênese, seus fundamentos e suas visões de mundo que fundamentam a atuação de seus ativistas.

E, tendo em vista esta complexidade do universo do hip-hop a presente pesquisa buscou entender a dinâmica dos grupos de hip-hop atuantes no Movimento através de uma aproximação com os grupos estudados e entrevistas com seus líderes.

---

<sup>1</sup> Para ressaltar a fala dos entrevistados nesta pesquisa, adotei o seguinte critério: os depoimentos que não começam novo parágrafo se encontram em *itálico*.

Os três grupos entrevistados fazem parte do Movimento Cultural do Hip-Hop no Rio de Janeiro e apresentam distintos formatos e propostas: o Coletivo Hip-Hop LUTARMADA é um movimento social comunitário; o Grupo de Breaking Consciente da Rocinha é uma ONG; e o Rap de Saia é um documentário e um projeto.

A fala dos entrevistados confirmou que o Movimento do Hip-Hop carioca demonstra uma característica que deve ser ressaltada: a pluralidade de visões de mundo, propósitos e mecanismos de atuação pelos integrantes do Movimento Cultural. Essa pluralidade revelou que nem todos os grupos de hip-hop apresentam um discurso político pautado numa crítica da dinâmica societária capitalista. Porém, pode-se perceber que por traz da lógica de atuação de cada grupo está a aspiração por “mudanças”, mesmo que o significado atribuído à mudança se diferencie em cada grupo.

Os três grupos entrevistados têm em comum o fato de que a diversão e o lazer não são seus únicos objetivos, uma vez que estes através da cultura hip-hop têm a oportunidade de questionar seu lugar na sociedade, re-significar seus legados culturais, re-construir sua identidade através da cultura e pensar sobre novas possibilidades para suas comunidades. Alguns destes coletivos, por um lado, declaram uma *“luta contra a sociedade de classe e contra qualquer forma de opressão”*, como é o caso do LUTARMADA. Outros grupos *“lutam contra a discriminação de gênero”* e visam transformar o papel da mulher na sociedade, como o Rap de Saia. E outros ainda, como o GBCR *“buscam a união, a paz e a diversão”* na comunidade. No entanto, estes indivíduos se identificam por viverem à margem da sociedade nos guetos, periferias, favelas e subúrbios cariocas, e também por investir no conhecimento por meio da cultura hip-hop.

A cultura se torna um importante recurso nestes meios, e os grupos aqui entrevistados oferecem novas formas de gerenciamento deste recurso, que assume um papel importante no desenvolvimento social, cultural e econômico da periferia, na luta por reconhecimento e na conquista da cidadania. Esta pesquisa revelou que o significado de luta por transformação social varia muito em cada movimento, podendo significar: uma *“luta por mudança na estrutura societária”* como no coletivo LUTARMADA, uma *“transformação no cotidiano das mulheres”*, como o Rap de Saia, ou uma *“mudança na mente e na perspectiva de cada indivíduo por meio do hip-hop”*, como exemplifica o GBCR.

Na tentativa de conhecer a dinâmica dos grupos de hip-hop das periferias cariocas entrevistei três líderes ativos no Rio de Janeiro, cada um pertencente a um dos grupos mencionados sobre os quais aprofundarei a seguir.

#### 4.1.

#### **A história dos Movimentos do Hip-Hop: LUTARMADA, GBCR e Rap de Saia**

##### **Coletivo de Hip Hop LUTARMADA**

O Coletivo Hip Hop LUTARMADA foi fundado por Gas-PA<sup>2</sup>, um jovem morador de uma favela da Zona Norte apaixonado pela cultura hip-hop. Gas-PA faz parte de uma geração que descobriu esta cultura no final dos anos 1980: uma geração que promovia um hip-hop comprometido com alguma forma de luta por transformação social. Segundo Gas-PA, *“desde aquela época eu pensava em criar uma organização de hip-hop que fosse uma organização política”*.

O LUTARMADA nasce em 2004, de *“um encontro de amigos que se juntavam para curtir um som e tomar cerveja na Zona Norte”*. Os encontros eram informais e divertidos, até que um dia, Gas-PA sugeriu que o grupo assistisse a um filme e realizasse um debate a respeito. Eles decidiram por *Panthers*<sup>3</sup>, Panteras Negras, pois a idéia era assistir *“um filme que refletisse a realidade de um povo bem parecido ao nosso”*. Após o filme, eles realizaram um debate que revelou a surpresa dos jovens no que se refere às ações dos membros do Partido Panteras Negras e sua repercussão nos Estados Unidos.

Como é possível que uma organização nascida por dois jovens, em menos de um ano, pudesse tomar conta de todos os Estados Unidos. E, de fato, ser tão poderosa e ameaçadora, a ponto da polícia federal do país ter que intervir diretamente contra esta organização (Gas-PA).

<sup>2</sup> As iniciais PA no nome de Gas-PA significam: *Poeta Ativista*

<sup>3</sup> O filme Panteras Negras (*Panther, 1995*) retrata a trajetória do *Partido dos Panteras Negras para Auto-Defesa* fundado na Califórnia em 1966, por Huey Newton e Bobby Seale. A obra contextualiza a realidade dos afro-americanos: pautada na violência, discriminação e falta de direitos, e a atuação dos membros do partido na tentativa de defender e conscientizar estas comunidades de seus direitos, bem como defendê-los da violência policial.

Na semana seguinte eles assistiram *Lamarca, Coração em Chamas*<sup>4</sup>. A mensagem de Lamarca trouxe algo fundamental para a criação do grupo. Gas-PA faz referência a uma de suas falas no filme, quando Lamarca ao observar um caminhão de boías-frias revela: “*o milagre brasileiro ainda não chegou aqui. A gente tem que arrumar uma forma de fazer com que o nosso povo enxergue suas condições miseráveis*”.

Partindo da reflexão de Lamarca estes rapazes se puseram a pensar que a realidade desta comunidade da Zona Norte, não era tão diferente da realidade dos bóias-frias. Como revela o militante,

lá na favela a gente não tinha bóias-frias, mas a gente tinha muita gente vivendo em condições miseráveis, sem ter consciência destas condições. E estas condições não são estáveis, não são estáticas. Elas são passíveis de mudança e que esta mudança só cabe a nós (Gas-PA).

Estas experiências levaram estes jovens a pensar em maneiras viáveis de trazer esta discussão para os moradores da comunidade. Segundo Gas-PA, como Lamarca teve que encontrar uma maneira própria para lutar contra as injustiças que ele presenciava, eles também precisavam arquitetar um caminho para “*fazer com que nossos vizinhos e vizinhas tomassem consciência disso*”. O que Gas-PA chama de “*consciência disso*” se refere ao reconhecimento de que vivemos em “*uma sociedade que se organiza baseada na opressão*”. Para o militante músico, conforme ele mesmo se autodenomina, “*um dos caminhos era nossa arte, o rap*”. Porém, eles sabiam que “*nem todo mundo gosta de escutar rap. Então nossa arte em si, não vai dar conta do recado*”. Por este motivo, estes jovens resolveram fundar uma organização onde o hip-hop fosse o elemento que os unisse, mas que tivesse uma atuação para além do hip-hop, com o objetivo de provocar este debate e esta reflexão nas comunidades.

Atualmente o coletivo é formado por dois grupos de RAP e uma grafiteira: o primeiro grupo de rap é *O Levante*, que conta com os rappers Gas-PA e Mimil, o segundo grupo é chamado *Dialética*, com as rappers Charlene e Criz. E, Ryra é a grafiteira do movimento. Todos os membros do coletivo são praticantes de alguma arte do hip-hop, que são como dito anteriormente: o *breakdance*, o *rap*, o DJ e o *grafite*. É importante salientar que ser praticante é um requisito para se

---

<sup>4</sup> *Lamarca, Coração em Chamas* é um longa-metragem sob a direção de Sérgio Rezende, realizado em 1994. O filme retrata os últimos dois anos da vida de Carlos Lamarca, desde o momento em que o capitão decide desertar o Exército para integrar-se à luta armada contra a ditadura em 1969.

afilear ao movimento, pois demonstra que *“para a gente se organizar, não precisamos importar um advogado, uma assistente social, ou um produtor. A gente mesmo do hip-hop pode se organizar. E para algum advogado, assistente social, ou produtor fazer parte do LUTARMADA, antes essa pessoa tem que ser MC, ou Breakker, grafiteiro/a, ou DJ, ou Beat-Boxxer”*. Os militantes do LUTARMADA hoje realizam protestos, atos-show, palestras e debates em escolas, cursos e reuniões nas comunidades da Zona Norte.

Gas-PA, o ativista entrevistado se considera *“o cara da articulação do LUTARMADA com os outros movimentos no Rio e no Brasil (...) o cara que possibilita e organiza as atividades de formação política”*. O militante se dedica tempo integral às atividades do LUTARMADA, entre shows, organização de eventos, protestos, cursos, leituras e outros. Gas-PA também é músico, porém quando indagado a respeito de seu papel no LUTARMADA, ele respondeu, *“militante e artista: 51% militante 49% artista”*.

O Coletivo de Hip Hop LUTARMADA, no entanto, é um movimento que no momento conta com a participação de poucos adeptos<sup>5</sup>. Eles atuam principalmente nas favelas e periferias, tentando conscientizar as camadas populares das condições de subalternidade e discriminação impostas pela sociedade.

### **Grupo Breaking Consciente da Rocinha (GBCR)**

Luck, o líder do Grupo Breaking Consciente da Rocinha (GBCR) entrevistado para esta pesquisa, atua no movimento hip-hop há 26 anos. Com a ajuda de outros adeptos da cultura e uma advogada, Luck fundou o GBCR em 1994. Ele veio da baixada para a Rocinha, onde se dedica integralmente ao hip-hop: *“eu educo meus filhos com hip-hop. Faço letra de rap, faço a dança, a resistência da dança. Eu vivo isso 24h por dia”*, revela. O líder é um dos diretores do GBCR e seu principal representante no Rio de Janeiro. Para os membros do grupo, Luck é um exemplo de vida e, uma referência tanto por sua dedicação quanto por acreditar na importância da inserção do hip-hop nas comunidades.

<sup>5</sup> O Coletivo Hip Hop LUTARMADA já passou por vários momentos, alguns com muitos integrantes e alguns com menos. Por divergências ideológicas o coletivo vem se construindo e se reconstruindo cotidianamente. Este fato está relacionando tanto com as mudanças pelas quais vêm passando seus membros quanto com os desafios em manter um movimento social de esquerda numa era onde impera o capitalismo.

O GBCR é uma ONG que oferece oficinas abarcando os quatro elementos do hip-hop<sup>6</sup>. Sua origem formal se deu quando jovens apaixonados pela cultura hip-hop decidem fundar a organização, para que assim pudessem captar recursos e melhor difundir suas artes. Os jovens, interessados em aprender o *breakdance*, se “juntavam para treinar em quintais de amigos, nos verdadeiros bailes funk” e nas ruas das periferias. A adesão foi grande, e os “garotos do break” decidiram estudar os poucos vídeos dos b-boys de Nova York, aos quais tinham acesso. Segundo Luck, b-boy e professor de break, “a nossa motivação foi o mesmo que a de todo mundo que pratica break”:

Todo mundo começou a ver em vídeo e começou a repetir, a dançar. E aí começou a crescer, e a gente começou a entender que aquilo é uma coisa muito importante, não é simplesmente uma dança. É uma arte, uma cultura de quatro elementos. Sabe? Muito mais importante. Dá pra fazer milhões de coisas com isso” (Luck).

Luck e outros companheiros começaram a promover a cultura hip-hop na periferia do Rio de Janeiro. Ensinavam em algumas organizações, mas não podiam depender destas financeiramente, pois o trabalho era pouco. Por este motivo, eles decidiram oficializar o grupo fundando uma organização, que tem como base a favela da Rocinha, mas que atuam também em outras comunidades. No início eles se denominavam Gangue Breaking Consciente da Rocinha, mais tarde mudaram de “gangue<sup>7</sup>” para “grupo”.

O GBCR foi o primeiro grupo no Rio de Janeiro a se filiar à Nação Zulu Internacional (*Zulu Nation International*<sup>8</sup>), certificados por Afrika Bambaataa. O grupo tem muito orgulho do título, e revela que eles tiveram que lutar muito por isso, durante anos de estudo e dedicação à cultura.

O GBRC conta com muitos membros, entre eles estão: os b-boys, Luck, Pé, Gouki, Douglas, Rafael, Jorge e Jerson; as b-girls Bianca, Valdiléia e Amanda. Os DJs do grupo são Jeferson e Nino. Pedro é o grafiteiro. Cristiane é a captadora de recursos e advogada do GBCR. Berzó é um dos diretores e apresentadores do *Programa Rocinha Hip Hop*. Berzó, Luck e Pé também são MCs.

<sup>6</sup> Como já mencionado anteriormente os quatro elementos do hip-hop são: o break, o rap, o grafite e o DJ.

<sup>7</sup> No hip-hop *gangue* se refere a um grupo de b-boys e b-girls.

<sup>8</sup> <http://www.zulunation.com/>. Acesso em 12/01/2010.

São várias as atividades oferecidas pelo grupo dentro e fora da Rocinha. Eles realizam oficinas dos elementos do hip-hop no projeto Pensando Junto<sup>9</sup>, na Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Barcelos na Rocinha, em escolas municipais na Rocinha, na Casa Rosa na Rocinha, e em projetos direcionados à saúde na baixada. Frequentemente Luck, Pé e outros membros são convidados por professores das escolas municipais para ajudar nas aulas de poesia através do rap. O GBCR acabou de ter um projeto de educação aprovado para a Escola Airton Sena, onde os membros do grupo oferecerão as cinco artes do hip-hop, incluída aqui a busca por conhecimento como o quinto elemento. Berzó, Pé e Luck, apresentam na TV Rocinha um programa sobre hip-hop, *Programa Rocinha Hip-Hop*, que é transmitido ao vivo para a comunidade, todas as quartas-feiras e tem como objetivo informar sobre o que está acontecendo com o hip-hop no Brasil e no mundo, bem com promover a cultura.

Enquanto fenômeno artístico, cultural e social o GBCR é uma referência para os adeptos do hip-hop na Rocinha e no Rio de Janeiro. O grupo é considerado um dos pioneiros na capital carioca, sendo frequentemente convidado para eventos e trabalhos também em parceria com a secretaria de educação e da cultura do Rio de Janeiro, como por exemplo, o Hip Hop Celebra, que comemorou os 25 anos de surgimento da Cultura Hip Hop.

O grupo apresenta também um viés econômico, pois torna esta arte financeiramente viável para os profissionais que se dedicam a ela, permitindo que estes indivíduos se insiram no mercado de trabalho e se tornem novos multiplicadores da cultura hip-hop. O que não significa que o trabalho esteja sempre garantido, pois o processo de aprovação de projetos é lento, requer muito tempo e dedicação dos diretores do grupo. O mecanismo de funcionamento da ONG nos remete à dinâmica do mercado de nossa sociedade capitalista.

## Rap de Saia

O ser em multiplicação, multiplica com o intuito de transformar vidas. A cultura hip-hop me fez entender que eu não sou um ser pra passar despercebido no mundo. Através da cultura hip-hop, eu entendi que eu sou um ser com uma missão: minha missão é multiplicar, transformar vidas, como a minha foi transformada pelo hip-hop” (Queen).

<sup>9</sup> *Pensando Junto* é um projeto social fundado pelo rapper, Gabriel, O Pensador na Rocinha. O GBCR é responsável pelas oficinas dos elementos de hip-hop neste projeto, com a atuação de vários integrantes do grupo, como DJ Nino, Pé e Luck.

O Rap de Saia percorreu um caminho distinto dos demais grupos apresentados anteriormente, pois começou como um documentário e se transformou num projeto, com oficinas, debates e um show. A idéia de fazer o documentário surgiu no trabalho final de um curso de projetos audiovisuais na Central Única de Favelas (CUFA)<sup>10</sup>. Re.Fem e Queen Odara, as jovens idealizadoras do projeto, tinham que expor os projetos elaborados durante no andamento do curso. Re.Fem teve a idéia de criar um documentário sobre mulheres do rap e chamou Queen para realizar a pesquisa com ela.

Re.Fem e Queen são rappers no Rio de Janeiro. Queen é da Zona Oeste e Re.Fem é da Baixada Fluminense. Apesar de serem de locais diferentes, havia um aspecto em comum: ambos os lugares são reconhecidos, tanto por serem afastados do Centro/ Zona Sul do Rio, quanto pela imagem de violência e negatividade associada a eles e explorada pela mídia. Bairros semelhantes se tornaram um elemento comum para estas mulheres.

As rappers pretendiam com o documentário dar visibilidade a atuação feminina no universo do hip-hop carioca. O documentário apresenta mulheres de várias partes da cidade que fazem rap no Rio de Janeiro. As rappers tentam expor um pouco da vida destas mulheres, seus pensamentos sobre preconceito racial, social e de gênero, suas dificuldades, desafios e conquistas. Segundo Queen, a maioria de shows e apresentações de hip-hop no Rio de Janeiro é liderada por homens, bem como os artistas que se apresentam. *“A gente tinha muita dificuldade em encontrar mulheres no evento. Muitas vezes a única mulher cantando era a Re.Fem.”*

O documentário serviu de amplificador das vozes femininas encontradas pela cidade. As mulheres do Rap de Saia passaram a ser convidadas por projetos sociais e seminários, direcionados a mulheres, jovens e adolescentes, para assim compartilhar sua experiência através do hip-hop. Segundo Queen, o filme possibilitou que elas criassem o *Rap de Saia Show*, que colocava em evidência as rappers no Rio. A partir daí surgiram oficinas e debates acompanhando a exibição do documentário. Re.Fem, Queen e outras rappers freqüentemente exibem o

---

<sup>10</sup> Quando Re.Fem e Queen deram início ao documentário, elas não estavam mais envolvidas com a CUFA. Queen revela que elas realizaram as pesquisas sozinhas e as filmagens com o auxílio de alguns profissionais. Segundo Queen, a FASE foi a única organização que lhes deu apoio durante este processo.

documentário em espaços direcionados ao universo feminino, dão palestras, dirigem oficinas e realizam shows. A temática apresentada por elas varia de acordo com a abordagem do evento:

“Não só necessariamente mulher no hip-hop, mas tudo que possa abranger uma questão de evolução para a mulher. A gente já participou de projetos de elevação da auto-estima da mulher negra, universo da sexualidade, saber como trabalhar a questão da homossexualidade, por exemplo” (Queen)

O projeto tem um alcance tanto cultural quanto social, sendo o rap o instrumento por elas compartilhado e utilizado para entregar suas mensagens. A idéia é que através destas oficinas, do documentário e do Show elas possam estar fortalecendo a relação mulher e sociedade.

Queen, uma das militantes entrevistadas, foi uma das idealizadoras do projeto e ainda é uma das líderes envolvidas nos eventos, entre eles shows e oficinas. Queen se considera uma “*agente social independente*”, pois não tem um grupo específico de atuação. Ela ressalta também, o fato de que o Rap de Saia não é uma ONG, e sim um projeto mantido através do esforço das rappers, dispostas a compartilhar com meninas e mulheres suas histórias e experiências com o hip-hop. Queen atua em outros projetos, como ela mesma coloca,

“Eu sempre estive na costura como um todo. Sempre tive aqui fazendo evento, na internet escrevendo, fazendo oficina com as mulheres, e nunca criei uma bandeira de um evento, e daqui eu faço tudo. (...) O hip-hop é minha vida. A gente está o tempo inteiro pensando, o tempo inteiro produzindo” (Queen).

Entre os projetos nos quais ela atua estão: o “*Mulheres Unidas pelo Fim da Violência contra a Mulher*”, que consistiu na gravação de um CD e na organização de um seminário sobre as questões femininas na sociedade focando preconceito social, racial e de gênero, e o “*Aqaltune*”, uma associação de mulheres negras, que tenta projetar estas mulheres na sociedade, partindo do princípio de que “*nós mulheres negras estamos à margem da sociedade devido a discriminações sociais, raciais e também de gênero*”(Queen). No Aqaltune, Queen e outras três militantes, realizam trabalhos para aumentar a auto-estima da mulher através do resgate das artes de herança africana, entre elas o hip-hop. Queen, além de participar nestes projetos e militar no movimento hip-hop também milita no Movimento Negro.

Queen é uma mulher negra da periferia que construiu sua identidade no hip-hop. Na identidade desta militante, três elementos, se não outros mais, são

concomitantes: mulher, negra e hip-hop. A atuação dela faz referência a sua própria experiência, uma “experiência que coube ao corpo e à sensibilidade de um sujeito” (Sarlo, 1997, p.93). E é a este corpo, esta sensibilidade e este sujeito que Queen dedica sua atuação no hip-hop.

#### **4.2. Propósitos e Fundamentos dos coletivos de hip-hop**

Os três grupos mencionados apresentam projetos políticos<sup>11</sup> distintos. Os depoimentos destas jovens lideranças revelam fundamentos, propósitos, objetivos e estratégias de atuação que são antagônicos.

Cada grupo apresenta um conjunto de crenças e visões de mundo específicos, que em níveis diferenciados são compartilhados por seus membros, e que definem o grupo em si. A participação da sociedade civil é aparente na atuação dos coletivos. Todos eles realizam trabalhos junto a comunidades, a ONGs, a escolas e a projetos sociais, no entanto, se diferenciam no que diz respeito a seus propósitos, fundamentos e ideologias.

Por um lado, alguns movimentos sociais atuais refletem suas conquistas na constituição de espaços públicos de participação da sociedade civil na construção da sociedade, resultado das lutas pela democracia dos anos 1980. Por outro lado, o aparente encolhimento do Estado e a gradual transferência de suas responsabilidades para a sociedade civil resultam em uma “dimensão perversa a estas jovens experiências” (Dagnino, 2004, p.97). No que diz respeito a esta “dimensão perversa”, me refiro à constituição de grupos e organizações que não têm outra saída, mas se estruturam conforme a lógica competitiva e excludente do mercado. ONGs e projetos sociais, como o GBCR e o Rap de Saia, por exemplo, estão usualmente aguardando a aprovação de projetos, a captação de recursos ou um convite para que assim possam efetivar seus projetos. Mais uma vez, aqueles que detêm o poder e o capital em nossa sociedade são os que decidem que comunidade, que grupo específico ou camada social irá ser “privilegiada” com os possíveis recursos distribuídos. Segundo Dagnino (2004), esta “perversidade”

---

<sup>11</sup> Conforme mencionei anteriormente, utilizo projeto político, conforme Dagnino, para designar “conjuntos de crenças, interesses, concepções de mundo, representações do que deve ser a vida em sociedade, que orientam a ação política de diferentes sujeitos” (Dagnino, 2004, p.98).

pode ser percebida tanto nos movimentos sociais atuais quanto nas ONGs associados ou não a parcerias com o Estado e que visam investir no potencial democratizante que surgiria destas relações.

O que se pode então verificar através dos depoimentos é que há uma diversidade de propostas destes movimentos culturais de hip-hop, indo de uma proposta de “*revolução*” até uma questão de “*mudança pessoal*”.

### **Coletivo Hip Hop LUTARMADA – Uma proposta baseada na “luta contra-hegemônica”.**

Segundo Gas-Pa, no que diz respeito ao coletivo LUTARMADA, ele se constitui como um “*movimento político comunitário*”, que tem base direta de atuação nas comunidades, visando à conscientização das classes populares quanto suas condições socioeconômicas, culturais e políticas. A maior crítica do movimento diz respeito à dinâmica da sociedade capitalista. Segundo o militante, o objetivo principal do LUTARMADA é através dos quatro elementos do hip-hop: o *DJing*, o *MCing*, o *Grafite* e o *Break*:

Provocar reflexões na nossa vizinhança sobre nossa realidade. É despertar nas pessoas que vivem nestes bairros um senso crítico, um olhar crítico, um olhar próprio do mundo, não um olhar com a ótica da burguesia, com a ótica da classe dominante (Gas-PA).

No entanto, os militantes deste coletivo têm consciência de que o hip-hop não resume o interesse de todos. Por essa razão, o grupo além de oferecer atividades em torno das artes do hip-hop, proporciona também cursos direcionados à comunidade, palestras e debates em escolas sobre o hip-hop e acerca da atual condição social. O coletivo designa um caráter educativo.

Segundo o militante, o LUTARMADA é “um instrumento de luta contra-hegemônica. É um braço político cultural dos movimentos de esquerda, que se estende dentro de um terreno que a esquerda não tem muita atividade, nas periferias e nas favelas” (Gas-PA).

O hip-hop é pensado como uma arte, um instrumento para se chegar até as pessoas. Em outras palavras, o hip-hop para o LUTARMADA tem um alcance político e social, e não apenas cultural. O líder acredita num trabalho realizado com as camadas populares nas comunidades, que possa conscientizar os moradores das favelas, incentivando estas pessoas a pensar criticamente. A idéia é promover a importância da participação da periferia na luta por direitos, em

reivindicações que dizem respeito às responsabilidades do Estado para com a população e na luta pela democracia. De acordo com o militante, os movimentos sociais de grandes capitais da atualidade

estão pecando por não se preocuparem com a aproximação com as comunidades mais carentes. Eles não têm inserção nenhuma dentro das favelas. Eu acho que isso retarda a revolução em mais dois séculos. Eles estão nos centros da cidade, nas universidades, nas escolas. E os movimentos rurais estão no campo pois têm um enfoque diferenciado (Gas-PA).

Embora Gas-PA apresente uma visão crítica da atuação dos movimentos sociais atuais, o grupo mantém uma boa relação com diversos movimentos e partidos políticos, buscando interagir com estes, organizando eventos, cursos e protestos em parceria com vários grupos e organizações, entre eles o Movimento dos Sem Terra, o Movimento dos Trabalhadores Desempregados, o Movimento Quilombo Brasil e o Partido Comunista Brasileiro.

O hip-hop é a arte que une os membros do LUTARMADA, permitindo que estes participantes utilizem esta cultura em prol de um objetivo maior, a luta política, que é o propósito central do movimento. O principal compromisso do movimento é a “*constante busca e socialização de informações relevantes a este processo de luta de classe*”. Eles se fundamentam em idéias marxistas e ideologias comunistas através de leituras, participação em cursos com o MST e em eventos organizados pelo Partido Comunista Brasileiro. O livro *Capitalismo para Principiantes*, de Carlos Eduardo Novaes, é o primeiro livro a ser socializado entre os membros do LUTARMADA, seguido de alguns outros, como a biografia de Lamarca, textos sobre as Panteras Negras e textos que fazem referência ao pensamento de esquerda no Brasil e a literatura marxista. O coletivo é claramente um movimento de resistência à dinâmica capitalista que estrutura nossa sociedade.

Os preceitos teóricos, baseados em princípios marxistas, que foram ressaltados pelo membro do coletivo em entrevista, aparecem fortemente nas atividades desenvolvidas pelo grupo. Durante a pesquisa de campo participei de duas atividades realizadas do grupo e pude verificar o cunho político destas atividades.

A primeira foi uma palestra realizada na FAETEC de Quintino para uma turma do ensino médio. Convidado pela professora de literatura para falar sobre a cultura hip-hop e sua atuação no movimento cultural do hip-hop, Gas-PA contou

um pouco da história desta cultura, começando com a trajetória do blues criado pelos escravos norte-americanos nas lavouras. Em seguida Gas-PA falou do jazz e sua repercussão no mundo. Depois discursou sobre o soul e o funk, mencionando um de seus ídolos, James Brown e sua célebre frase “*Say it loud, I am black and I am proud*”, até chegar ao rap e a cultura hip-hop de hoje. Ele apresentou aos alunos os “criadores” do hip-hop, Kool Herc e Afrika Bambaataa e falou sobre o contexto político e socioeconômico de surgimento da cultura hip-hop no Bronx, em NY. A palestra estava pautada em fortes conteúdos políticos, econômicos, sociais e culturais. Gas-PA discutiu racismo, violência, discriminação social, criminalização da favela, entre outras questões enfrentadas por moradores de periferias. No final ele cantou um *rep*<sup>12</sup>, chamado, *Bonde da revolução*. Este *rep* reflete a proposta do movimento, convida as pessoas a pensar no contexto de opressão de nossa sociedade e a participar na luta pela transformação. Como diz a própria letra:

Vem aqui, vem cá, vem ouvir, vem ver  
 A estrutura do capitalismo se abalar, estremecer  
 O som é feito pra você que pode nem ser meu amigo  
 Mas assim como eu, também é oprimido.  
 Vem comigo, forma o bonde que é pra revolucionar  
 Cada um vem com as armas que tem e que sabe usar (...)

(...) Pra quem sofre por atendimento em hospital  
 E pra quem perdeu emprego na venda de uma estatal  
 Pro homossexual e para a prostituta  
 Esse som é uma convocação pra luta  
 Se você é um branco pobre, essa é uma opção  
 Mas se você é mulher preta, é mais que tua obrigação  
 O índio viu o branco invadir as suas terras  
 E hoje está ameaçado de extinção  
 Convoco todas as tribos a se pintarem pra guerra  
 E formarem com a gente o bonde da revolução

A segunda experiência foi uma palestra na UFRJ organizada pelo departamento de Ciências Sociais homenageando Marighella; em memória dos 40 anos de sua morte: *Marighella Vive: Tortura e Guerrilha entram em Debate*<sup>13</sup>. No auditório da UFRJ, na URCA, se encontrava uma faixa que dizia: *Marighella Vive*. Ao redor se encontravam bandeiras de movimentos sociais, entre eles do

<sup>12</sup> Gas-PA decidiu utilizar a sigla *REP* ao invés de *RAP*, pois se traduzirmos para o português seria *Ritmo E Poesia*, no entanto *REP*.

<sup>13</sup> [http://www.forum.ufrj.br/materias/291109\\_3.html](http://www.forum.ufrj.br/materias/291109_3.html). Acesso em 12/12/2009.

Movimento dos Sem Terras, do Movimento dos Trabalhadores Desempregados, do LUTARMADA, e do Partido Comunista Brasileiro.

Professores e antigos membros da Ação Libertadora Nacional, entre eles Ricardo Gebrim e Atón Fon Filho, apresentaram um pouco da história de Marighella, lembrando a importância dos heróis e lutadores populares. Gas-PA e Mimil fecharam a noite cantando dois *reps*: *Abalando as Estruturas Globais*, que protesta contra a Rede Globo e *Rimas da Libertação*, que lembra os heróis de nossa história que deram a vida contra a opressão, como revela a própria rima:

Brotando do chão da periferia, a indignação se transforma de poesia  
 Que desvenda os olhos e destapa os ouvidos  
 Para fatos esquecidos ou que estavam escondidos (...)  
 Aliança do balanço a vontade de mudança  
 Quem escuta o nosso som, raciocina enquanto dança  
 Quero que este rep invada as vielas  
 Ecoando o grito de libertação de Marighella  
 Que soe em defesa das nossas comunidades  
 Como o Zumbi defendeu o Quilombo dos Palmares (...)  
 Revolução se liga sangue bom  
 Com criatividade e indignação  
 Revolução se liga sangue bom  
 Vou rimando com a rima buscando a libertação<sup>14</sup>

As idéias socialista visíveis nas ideologias dos participantes do movimento estão nas atuações dos militantes, bem como, no perfil dos atores sociais com os quais o coletivo se afilia. Este movimento se fundamenta numa ideologia revolucionária, afirmando uma resistência social e uma transformação social que vise a mudança da estrutura societária. Apesar de ser um movimento social que conta com a presença de poucos participantes, existe uma vontade de oferecer para a sociedade a oportunidade de “descobrir direitos, agregar interesses, reconhecer os opositores, conhecer os caminhos por onde passam as demandas dentro da máquina burocrática” (Gohn, 2006, p.98). em outras palavras, o movimento revela uma lógica pautada em fundamentos de esquerda, que propõem abordagens educativas, questionadoras do sistema capitalista e visam uma mudança estrutural partindo de uma conscientização popular. O próprio slogan do movimento consiste em um desenho de uma pessoa, não se sabe se homem ou mulher, com um livro na mão. Entre os instrumentos de luta utilizados pelo LUTARMADA estão, a palavra através do RAP e o conhecimento.

<sup>14</sup> Versão completa do rap, *Rimas da Libertação*, de Gas-PA em Anexo 2.

**Grupo Breaking Consciente da Rocinha** – Uma proposta baseada na “diversão” e mudança que a “cultura hip-hop causa naturalmente”.

O grupo fala de seu principal objetivo, que é a promoção do hip-hop no Rio de Janeiro e a criação de recursos para que artistas do hip-hop possam viver desta arte. Esta promoção começa ali mesmo, no dia a dia das crianças e adolescentes da Rocinha. Segundo Luck, o que o GBCR almeja, é

Fazer crescer a cultura original do hip-hop no Rio, principalmente, e criar um mercado pra essa galera que está vindo. Porque é muito triste o cara se apaixonar por uma dança, nada, nada e morre na praia. Chega lá na frente é explorado. Então a gente quer criar um mercado, produzir esta galera, grande companhias de dança, eventos, pra mostrar pro mundo esta cultura maravilhosa (Luck).

Para Luck o hip-hop é um caminho de criação cultural que pode se tornar um meio de vida. O líder versa sobre organização, paz, união, crescimento pessoal e conhecimento através das artes do hip-hop. Luck fez referência ao padrinho do hip-hop, Afrika Bambaata, que segundo o líder,

Sentiu a necessidade de mostrar a arte, acabar com a briga através da arte, e conseguiu. Muita gente disputa até hoje. Mas está dançando, ao invés de estar brigando. Entendeu? Ele não criou isso, pois já existia. Os elementos do hip-hop já eram praticados pelos moradores dos guetos, mas também tinham as gangues.

Para o GBCR, a arte e a diversão são fundamentais. Segundo Luck, “quando Bambaataa começou com o hip-hop, ele começou com diversão também, e a gente quer respeitar a essência acima de tudo”. O GBCR demonstra uma perspectiva que defende o direito à diversão destes jovens da periferia. O hip-hop é muitas vezes associado à violência, à agressividade e ao tráfico de drogas. Porém, estes jovens e adolescentes apresentam uma particularidade visível na cultura hip-hop em geral, que é a manifestação de uma camada da sociedade que levanta a voz e os braços “para mostrar que estão vivos,” são criativos e assumem uma identidade cultural da periferia.

Luck revela que o grupo incentiva os jovens e adolescentes a estudar, a ler, a se conhecer e a se dedicar à arte. O b-boy versa sobre sua própria experiência com o break, que o levou a buscar outras formas de conhecimento, “eu comecei a ler. Depois disso eu comecei a estudar. Eu fui mudando e crescendo. A cultura hip-hop faz o indivíduo mudar por si mesmo” (Luck). Em sua visão, vale utilizar a cultura hip-hop para focar nos elementos positivos da comunidade, e não no lado negativo.

O GBCR é reconhecido por grandes nomes do hip hop, como o MC Thaíde, que em dezembro esteve na Rocinha visitando o grupo. Thaíde<sup>15</sup> passou o dia na comunidade, visitou o *Programa Rocinha Hip Hop*, e conversou com Luck, Berzó e outros membros do GBCR sobre a comunidade, violência e hip-hop.

Neste diálogo<sup>16</sup>, Thaíde faz referência às contradições vividas pelo hip-hop, mencionando as dificuldades e o lado negativo dos contextos onde o hip-hop está presente. Thaíde disse,

Onde existe o hip-hop, seja no Rio de Janeiro, São Paulo, o hip-hop ainda enfrenta muitos problemas, milhares. Um deles é justamente o combate. Como falar de coisas positivas em lugares onde o negativo ainda entra, pelo menos aparentemente. Por exemplo, o tráfico: onde tem tráfico tem hip-hop. É incrível! Ali tem tráfico? Pode procurar, tem um b-boy, tem hip-hop. Por que isso? Eu poderia até responder esta pergunta, mas é o que eu queria perguntar pra vocês. Como é que vocês conseguem fazer um trabalho positivo, onde já existe esta idéia, esta ideologia negativa?

Em resposta a Thaíde, Luck disse o seguinte,

Eu acho que o negativo existe, está em todo lugar, e o positivo também, e o positivo impera. Não é todo dia que tem tiro, é muito mais paz do que tiro. Não é todo dia que a polícia entra aqui matando e barbarizando as pessoas. Tem muito mais eventos, capoeira, futebol, cultura hip-hop, arte. Eu dou aula aqui a semana inteira, a gente dança aqui a semana inteira. Pô, se eu fui parado aqui por policia 15 vezes na minha vida foi muito. Então, eu tenho que comemorar o lado positivo disso. O ser humano luta por este lado positivo. E desde o início foi assim, a cultura hip-hop era entre gangues, tinha droga. Negativo. E dali começou a surgir esta cultura maravilhosa, e começou a trazer este lado bom, e que hoje as pessoas vivem disso, está no mundo inteiro, que reflete muito nesse lado ai. Onde tem marginalidade existe o hip-hop. Existe uma atração. É linguagem própria, porque eu falo com aquele moleque que está ali na mesma linguagem.

Segundo Luck, não há necessidade de relacionar o hip-hop com política, pois o hip-hop é uma cultura que vem para harmonizar, trazer paz e união, e não para gerar um espírito de luta, conflito ou protesto: *“quando você pensa em política, você pensa que foi criada pra mudar algo. Não é isso o hip-hop. Hip-hop é uma festa, uma brincadeira que muda as pessoas automaticamente, mas não foi criado pra mudar algo”*.

O grupo propaga os valores da cultura hip-hop, que para Bambaataa se manifestam em *“união, paz, organização e diversão”*. Segundo Luck, Bambaataa tem hoje em dia um discurso *“mais político”*, afirmando que os praticantes da

<sup>15</sup> Thaíde é um dos percussores da cultura hip-hop em São Paulo.

<sup>16</sup> Diálogo entre Luck e Thaíde filmado por membros do GBCR e postado em vídeo no blog do GBCR. [www.gbcrh2.blogspot.com](http://www.gbcrh2.blogspot.com). Acesso em 20/01/10.

cultura “*devem reconhecer seus valores; têm que lutar; não devem baixar a cabeça pra ninguém; é um mandado Zulu*”.

Os depoimentos mostraram que o líder não apresenta nem uma crítica declarada à dinâmica societária capitalista atual nem um perfil de militante revolucionário. Porém, usando uma estratégia diferente o grupo tenta promover através do hip-hop uma mudança na vida de crianças e adolescentes que deixam de estar nas ruas para participar das oficinas. Luck acredita que o GBCR está lutando, crescendo e se tornando reconhecido porque seus membros “*trabalham duro e se dedicam de coração à cultura, e não por reivindicar algo*”.

No que se refere a reivindicações, perguntei-lhe sua opinião a respeito dos movimentos sociais. Luck respondeu: “eu acho válido [a atuação dos movimentos sociais], mas não acho que seria a saída. A saída é primeiro você se gostar, depois você se conhecer. E terceiro lugar, lutar pelos seus objetivos. Mas não guerreando, não forçando a barra”.

Luck sustentou seu pensamento expondo sua própria experiência de vida,

Por exemplo, eu não tinha casa e vim pra cá [Rocinha] pra morar com meus três filhos num barraco de madeira. Eu vim pra cá, me conheci, me gostei, me valorizei, corri atrás, fui tentando. Hoje tenho duas casas sem precisar reivindicar nada, sem precisar bater nada. Eu acho que as pessoas têm que aprender a conquistar as coisas. Isso ai gera tumulto, gera morte, gera dor.

O discurso do líder revela que sua visão de mundo se aproxima a uma “ideologia liberal”, pois ele defende que a melhor maneira de lidar com a sociedade hoje, não é através de reivindicações, mas por meio da “*dedicação e do trabalho árduo de cada indivíduo*”.

Embora o porta-voz do grupo não tenha um olhar focado numa crítica à dinâmica capitalista da sociedade, pode-se perceber que há outras falas dentro da própria organização. Alguns membros versam indignação ao atual contexto socioeconômico e às condições precárias da comunidade, como verificado na fala de Berzó durante o encerramento do *Programa Rocinha Hip Hop*. Berzó declarou sua intolerância quanto ao descaso das autoridades com à precariedade da comunidade, no que se refere ao saneamento básico, infra-estrutura, retirada de lixo. O apresentador direcionou um apelo aos moradores para a necessidade de cuidar dos possíveis focos de dengue, bem como da importância de se usar camisinha. Em seguida, mencionou que está cansado de esperar que a empresa do

metrô na superfície coloque uma parada perto da comunidade para seus moradores. Por último, Berzó declarou ao vivo sua insatisfação com relação às políticas públicas apresentadas às comunidades, ressaltando a necessidade do morador destas áreas de criar mecanismos alternativos para cuidar da saúde, educação, lazer e cultura na comunidade, já que o Estado se isenta de suas responsabilidades no que diz respeito aos direitos dos cidadãos. “*Se vocês autoridades não vêm aqui pra comunidade, nós vamos ter que fazer tudo sozinho aqui em cima*”<sup>17</sup>, disse Berzó ao vivo no programa em um tom de raiva e repulsa.

A fala de Berzó mostrou tanto uma crítica à dinâmica societária atual quanto as formas de opressão social, um discurso que não esteve presente no depoimento de Luck. Isso confirma que dentro do movimento cultural do hip-hop como um todo há um fluxo e refluxo de intencionalidades, propostas e visões de mundo, e em alguns casos algumas delas chegam a ser antagônicas.

Em um diálogo que tive com Berzó, percebi que ele também vê a cultura hip-hop como um caminho de mudança para os moradores das comunidades, justamente pelas condições de precariedades nas quais elas se encontram.

Entretanto, o discurso hegemônico do GBCR é o de captação de recursos, numa proposta de ação focalizada. Esse fato corrobora as reflexões de Gohn que revela que, “em relação à produção e à construção de conhecimento nas ONGs, e pelas ONGs, observa-se que usualmente elas trabalham com projetos localizados e focalizados” (Gohn, 2006, p.96). Este é o caso do GBCR, que focaliza na cultura hip-hop. Percebe-se também através da fala dos entrevistados que a lógica que preside as ações de algumas ONGs se difere da lógica dos movimentos sociais.

### **Grupo Rap de Saia – Uma proposta baseada na luta “*contra as discriminações enfrentadas por mulheres pobres e negras da periferia*”.**

O Rap de Saia, por outro lado, lida com questões específicas do mundo da mulher através do hip-hop. Para Queen, o “projeto político” apresentado pelo Rap de Saia se refere à luta contra as discriminações enfrentadas por mulheres pobres e negras oriundas de subúrbios e periferias. Segundo Queen, a mulher negra sofre visíveis preconceitos em nossa sociedade.

<sup>17</sup> Fala de Berzó, um dos diretores do GBCR; um dos apresentadores do Programa Rocinha Hip Hop, no dia 18 de novembro de 2009.

A gente passa por um tipo de preconceito que vem desde o homem branco, depois tem a mulher branca, o homem negro, pra depois você chegar à mulher negra. Em qualquer dado indicativo social, socioeconômico, a mulher negra está sempre à margem.

Segundo a rapper, esta diferença de tratamento é vista inclusive dentro do movimento do hip-hop, por isso a necessidade de lutar pela visibilidade da mulher no movimento.

O objetivo do Rap de Saia documentário era dar visibilidade à atuação feminina no hip-hop carioca, e elas conseguiram, porém não solucionaram os dilemas do preconceito. Segundo Queen, ainda hoje é muito difícil encontrar mulheres se apresentando nos eventos. *“A prova disso foi o Hip Hop Celebra. A única mulher que você tinha era a DJ. E aí pra elas já está muito bom”*.

O propósito do Rap de Saia hoje, não se resume em dar visibilidade à atuação da mulher no universo hip-hop, mas também oferecer um espaço de reflexão sobre a mulher de maneira geral. O projeto possibilita através do documentário e das oficinas *“mostrar a força desta mulher, mostrar a vontade desta mulher, e dar subsídios que ajude, para que esta mulher mude esta realidade”*. Segundo Queen, é necessário acompanhar, criar debates com estas meninas e deste modo aproximar a realidade das rappers à realidade delas. A proposta é a de um processo educativo, despertando uma consciência de direitos e deveres das mulheres.

Por esta razão, o Rap de Saia insere nestes seminários, além das rimas e da música, vídeos que abordam a violência contra a mulher, a sexualidade e os costumes na comunidade. É uma *“tentativa de criar um referencial através do hip-hop, através de nossa identidade negra que se auto-afirma no hip-hop”*. As oficinas não são apenas *“voltadas para ensinar a cantar rap ou a ser DJ. Tem todo um lado de cidadania, tem um lado histórico e tem um lado de geração de renda”*.

Através da participação destas rappers em eventos e oficinas, elas tentam *“historicizar as atuações das mulheres, deixar um registro”*. Segundo Queen, *“as mulheres do hip hop tem um canto diferenciado, voltado para a questão feminina. Um grupo ou outro sempre tem uma canção conscientemente voltada para a face existencial da mulher”*.

Ao falar das oficinas do Rap de Saia, Queen chama a atenção para a importância de mencionar o lado sócio-histórico da mulher negra de periferia.

Segundo ela, é importante resgatar um pouco da história, criar referenciais com estas meninas e mulheres, oferecer um lado educativo e um lado de conscientização direta que atinja o meio popular.

É importante ressaltar, no entanto, que, apesar do Rap de Saia trazer a questão de raça, não foca somente na raça. Há meninas brancas que participam do projeto, e o grupo, apesar de tentar resgatar a questão da mulher negra, principalmente Queen, não visa oficinas voltadas somente para o universo da mulher negra, mas o universo da mulher.

Esta questão pode ser evidenciada em uma letra de Queen,

Se olham no espelho  
Pensam o preconceito  
As guerreiras de outrora  
Refletem na aurora a visão de seu sujeito

Se olham no espelho  
Pensam o preconceito  
As guerreiras de outrora  
Refletido na história, esta é a nossa hora

Mulheres  
Branças, índias ou negras  
Falsa ou verdadeira, raça ou credo não importa  
O que importa é não esquentar nossa cabeça com idéias tortas  
Porque no fundo todas têm capacidade  
Então na sagacidade é só vencer o preconceito  
Não privar sua liberdade nem seu caráter.  
É tanta coisa pra aturar no dia a dia, violência, assedio  
Incesto já faz parte da vida de muitas minas  
Violentam nosso corpo com olhos e palavras como se a gente fosse só  
mercadoria, barata, pra ser consumida  
Até na música, na poesia, na arte, somos retratadas com demagogia.  
Sem contar toda a ironia que é vendida, o símbolo de mulher linda por toda a  
mídia.  
O negócio é não deixar nossa cara a tapa  
Superar na marra todas as trapaças.  
Acreditar e jamais desanimar por nada,  
E demonstrar que ser mulher é mais que privilégio, é uma dádiva.

Apesar do Rap de Saia não ser um movimento social em termos revolucionários, como o LUTARMADA, ou uma ONG, como o GBCR, o projeto oferece uma oportunidade de produzir e compartilhar conhecimento que diz respeito ao preconceito social, racial e de gênero. Porém, o foco principal é o universo feminino, e por isso pode ser considerado um projeto social cultural que atua diretamente com a questão de gênero e periferia. Trata-se de uma ação voltada para assuntos específicos da mulher, que, porém estão inseridos nas lutas

e reivindicações com relação as injustiças socioeconômica e cultural na realidade das camadas populares.

### 4.3.

#### **Identidades dos líderes dos movimentos culturais**

Quando se trata dos movimentos culturais de hip-hop e, mais especificamente o perfil de suas lideranças, não se pode deixar de pensar a questão da identidade da própria organização e dos seus sujeitos-militantes. Estes líderes comunitários apresentaram de forma contundente as suas visões de mundo e perspectivas de mudança ou transformação societária. É a identidade destes grupos que se revela através da voz de seus militantes e vice-versa. Deste modo, é a identidade do grupo que se mescla com o papel de suas lideranças, uma combinação de intenções, propostas e conflitos.

Segundo Castells (2006), toda identidade consiste num processo contínuo de construção de significados com base em um ou vários atributos culturais. Em outras palavras, toda identidade é permanentemente construída. Esta construção é um processo que reflete a história de um povo, seus desafios, lutas e conquistas. Porém, coloca o autor, “para um determinado indivíduo ou um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, esta pluralidade é fruto de tensão e contradição, tanto na auto-representação como na ação social” (Castells, 2006, p.22).

Por este motivo, Castells afirma ser necessário distinguir “identidade” do que sociólogos vêm tradicionalmente chamando de “papel” ou “conjuntos de papéis”. Segundo o autor, papel ou conjunto de papéis diz respeito a uma função ou funções específicas assumidas por um ator social na sociedade, por exemplo, ser mãe, trabalhador, diretor de uma organização, militante socialista, vizinho, sindicalista, fumante, professor, entre outros (CASTELLS, 2006, pp.22-23). Estes são definidos por normas estruturadas por indivíduos na sociedade, em instituições ou organizações, e “a importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações” (Castells, 2006, p.23). As

identidades, por outro lado, não dizem respeito a uma função na sociedade, mas a um arcabouço de significados para os próprios atores sociais, por eles originados e criados durante um processo de individuação. As identidades revelam perspectivas, visões de mundo e propósitos dos atores sociais em sociedade, enquanto os papéis estabelecem uma função para este mesmo ator em sociedade.

É fundamental ressaltar que a questão identitária é aqui compreendida como um processo permeado por relações de poder, onde emanam interesses e lutas distintas, que referenciam “projetos políticos” antagônicos e ações diversas na sociedade.

As identidades construídas pelos líderes entrevistados são múltiplas e reveladoras de seus propósitos, fundamentos e objetivos, visíveis em seus papéis na sociedade. Quando indagados sobre a identidade construída e papel assumido no grupo, os líderes dos movimentos responderam conforme suas visões de mundo e o contexto por eles vivenciados, refletindo as diferentes relações e re-negociações de poder. Isso quer dizer que há uma diferença evidente que se revela através da atuação dos grupos.

Para **Gas-PA**, a identidade que ele acredita ter construído no grupo se traduz em “*um preto de periferia que assumiu uma consciência de classe; o preto de periferia que tem uma consciência de trabalhador*”.

Segundo Gas-PA, o envolvimento com a cultura hip-hop lhe permitiu uma re-avaliação de seus próprios conceitos e perspectivas. O militante se inspirou em alguns artistas, entre eles *Os Racionais* e *Public Enemy*, para questionar suas definições de raça e de classe, que segundo ele, impactaram mais suas reflexões que o próprio Movimento Negro. Segundo ele, foi ao entrar para o hip-hop que adquiriu esta consciência de raça e classe. Gas-PA conta que num show do *Public Enemy* com os Racionais em São Paulo, ele percebeu que os rappers do grupo Racionais tinham a sua cor e se denominavam negros. Este episódio para o militante foi como uma provocação. “*Se eles são pretos eu também sou. E por que eu seria?*”. Gas-PA começou a analisar,

Que tipo de discriminação o preto sofria no país, e vi que não era muito diferente de mim. Quando eu procurava emprego, o que me cabia nas empresas, eram as mesmas funções aos outros, aos negros, aqueles que eram diferentes, que eu considerava diferentes de mim, aqueles que eram os negros, os mais retintos, mais escuros que eu.

Gas-PA revela também que, durante certo tempo viveu uma contradição: sofria discriminação racial vinda de amigos de um bairro de classe média do Rio de Janeiro, no entanto, ao voltar para sua casa em Realengo repetia a mesma atitude com quem ele vai chamar de *“seus amigos mais escuros”*, reproduzindo exatamente o que faziam com ele.

O hip-hop lhe permitiu uma auto-análise, e ele se descobriu negro, porque ele se sentia discriminado mas não entendia o motivo. *“Então foi neste momento que eu entrei pro hip-hop que eu fui libertado desta auto-visão escravagista”*. Para ele esta identidade *“significa a de um preto de periferia que a partir do hip-hop adquiriu toda esta identidade, não só de raça, mas de classe”*.

Para o militante, a discussão de raça não pode ser afastada da discussão de classe. A identidade construída por Gas-PA demonstra uma luta por reconhecimento e também por “re-negociação” de poder na sociedade. Gas-PA parte da premissa de que vivemos em uma sociedade dividida em classes, onde *“o que é bom pra uma classe não é bom pra outra e vice versa”*. A identidade arquitetada pelo líder demonstra o perfil de luta do movimento, bem como as metas que o LUTARMADA almeja alcançar no processo de conscientização política arquitetado através dos cursos, shows, protestos e reivindicações.

Para consolidar sua identidade no grupo Gas-PA revela que ele assumiu o papel de representante do LUTARMADA junto a outros movimentos sociais de esquerda no Rio de Janeiro e no Brasil. Segundo o militante, ele é *“o cara que articula o LUTARMADA com outros movimentos, organiza atividades de formação política, encontros, reuniões e outras atividades”*.

Segundo Gas-PA, a sua identidade de militante, predomina a de músico do hip-hop. O hip-hop é o atributo cultural que une os membros do LUTARMADA, como o instrumento de luta utilizado, porém a identidade de militante negro que se conscientizou da opressão imposta pela sociedade de classe supera a identidade de músico. Ele revela ser, *“51% militante, 49% músico”*.

**Luck**, por outro lado revela uma identidade de membro da cultura hip-hop, desvinculada de um perfil político, diferente da identidade evidenciada por Gas-PA. No que diz respeito a identidade ele faz relação aos elementos do hip-hop e em seguida a seu papel de líder no grupo,

Eu sou um pouco de tudo, eu canto, danço, e eu dou aula. Mas eu não gosto muito desta coisa de liderar, eu reparto as funções. Tem o Berzó também, o Pé.

Mas eles me vêem como um líder. Vai ter um banner agora do programa, o novo, vai ter a foto do Àfrika Bambaataa, Kool Herc, o Nino Brown e vai ter a minha foto também, e do Zagao, um falecido. Eles botaram minha foto.

Sua auto-definição de “líder” demonstra seu caráter militante. Luck e outros membros militam através do hip-hop, em prol da promoção e do reconhecimento cultural do movimento hip-hop da periferia, e estas metas visam o bem estar de muitos indivíduos, “*da galera do hip-hop que está vindo aí*”.

Pode-se perceber, no entanto, que o pensamento de Luck ao falar de sua identidade se aproxima mais ao conceito atribuído por Castells a papéis, que diz respeito, a função assumida pelos atores sociais na sociedade, que se dá a partir de acordos estabelecidos na arena de atuação e na própria instituição. Quando perguntado sobre o seu papel no grupo, Luck descreveu os seguinte, “*eu me vejo como um grande líder. Hoje eu me enxergo como um grande líder. No início não, o que é natural. A liderança você vai descobrindo aos poucos*”. Nota-se, portanto, que os mesmos atributos que ele usou para descrever identidade utiliza para descrever seu papel.

Em outras palavras, na descrição tanto de identidade quanto de papel no movimento, Luck se vê como um líder. Aos olhos de Luck e de outros membros do GBCR, sua liderança não compreende apenas o GBCR, mas a de um líder e uma referência da cultura hip-hop no Rio de Janeiro. Sua imagem ilustrará o próximo banner do programa da Rocinha ao lado de renomados personagens do hip-hop no Brasil, Nino Brown e Zagao, e de ídolos originais do hip-hop, Kool Herc e Afrika Bambaataa. Ele também se vê como um artista, um b-boy que faz rap e que se dedica ao crescimento da cultura e do GBCR. O que comprova que, a vivência de Luck possibilitou que ele criasse uma gama de significados relacionados ao hip-hop e a partir do qual nasce sua liderança e atuação no grupo e na comunidade.

Luck menciona que ele foi um dos percussores do break no Rio, e que o trabalho foi desenvolvido a partir de muito estudo e dedicação. Ele relata também que, quando o hip-hop começou nos Estados Unidos, ele surgiu entre membros de gangues, onde perdurava a violência. Estes jovens decidiram dançar ao invés de brigar, o que resultou no surgimento das *batalhas de break* e nas competições do rap cantado, influenciado pelos *toasting*, *boasting* e outras expressões culturais da oralidade.

O GBCR consiste para Luck em uma realização artística e cultural. *“Hip-hop é uma cultura, não é um movimento”*, é o fragmento de um rap do grupo. Através de sua dedicação e paixão pela cultura, Luck, prefere focar nas possibilidades que a cultura hip-hop pode trazer. Em distintos momentos ao falar da cultura hip-hop na comunidade, o ativista faz referência às crianças, adolescentes e jovens envolvidos no projeto e na cultura. O GBCR é responsável por retirar crianças das ruas e trazê-las para as oficinas, incentivá-las a estudar, mudando assim o cotidiano destes meninos e meninas.

Membros do GBCR são convidados por professores das redes municipais para participar das aulas de português, ensinando a escrever poesia através do rap. Eles também prestam serviços em escolas municipais dentro da Rocinha ensinando break nas aulas de Educação Física. Segundo Luck, *“os próprios funkeiros adoram o hip-hop. Eu dou aula para os filhos deles também. Eles fazem funk mas não deixam os filhos escutarem a música porque tem pornografia, mas hip-hop pode”*.

Luck acredita que esta atuação pode trazer muitos frutos para a comunidade, à medida que possibilita a construção de um terreno cultural seguro, onde a *“galera do hip-hop”* possa construir. Por essa razão, o objetivo do grupo é *“melhorar este mercado, dar uma esperança pra galera e saber que você pode viver disso”*. Por meio das atividades do GBCR, os adeptos do movimento hip-hop tentam criar raízes sólidas para que esta cultura possa dar bons frutos, e para que outros indivíduos da *“galera hip-hop”* possam viver desta arte.

O teor da identidade do militante e do grupo são percebidos no tipo de atuação da organização e em suas letras de rap, revelando assim seus propósitos e fundamentos, vivíveis na rima abaixo:

Hip-hop: cinco elementos,  
 produtividade quem atinge o pensamento hip-hop?  
 Hip-hop é uma cultura, não é um movimento  
 É uma atitude consciente, é o nosso pensamento  
 Pra quem conhece o hip-hop sabe o que eu sinto  
 Pode até achar loucura, mas eu nunca minto  
 Invadindo seus ouvidos penetrando sua mente  
 Hip-hop te domina te deixando independente  
 É a arte de dançar, pintar, tocar, se comunicar.  
 Uma mente articulada que você pode ganhar.  
 Se você se expressar conosco  
 Vai sentir na própria veia ou em todo o seu corpo  
 Os nossos ritmos e nossas poesias  
 Hip-hop é uma arte, é uma filosofia.

Apresentando outro perfil, **Queen**, ao ser questionada quanto sua identidade no Rap de Saia responde da seguinte forma: “Eu sou, além de uma gestora do projeto, uma multiplicadora eterna, porque eu não só geri; não só fiz parte da criação dele, como sou uma eterna multiplicadora dele”. Esta resposta também se aproxima muito ao que Castells definiu por papel dos atores sociais, que diz respeito a função determinada por este ator na sociedade.

Quando lhe perguntei sobre seu papel no projeto, Queen deixou claro que o seu papel na Rap de Saia é o de “*mostrar através de sua música e de suas oficinas que existe um mundo de possibilidades para as mulheres com o hip-hop e para além do hip-hop*”, em outras palavras “*multiplicadora eterna*”.

Em outro momento da entrevista, Queen revela, “*a gente tenta criar um referencial, que seria trazer a base através do hip-hop, nossa identidade negra que se auto-afirma com a cultura hip-hop*”, pois o hip-hop é um instrumento capaz de trazer à tona a herança africana, da qual ela fala com tanto orgulho. Queen afirma que o Rap de Saia, bem como a cultura hip-hop, incentivam as mulheres negras a “*explorar aquilo que é nosso, essa coisa do estilo próprio de ser, da tendência étnica de cabelo, da bijuteria, e isso passa por uma base sócio-histórica e estas mulheres (de comunidade) muitas vezes não tem isso*”.

Ao se denominar uma “*eterna multiplicadora do projeto*”, Queen está, na realidade, afirmando a luta por reconhecimento e afirmação da imagem, memória e história que constituem sua identidade: *mulher, negra, de periferia e no hip-hop*. Sua decisão de participar de projetos como o Rap de Saia surge de sua própria experiência com o preconceito de gênero, bem como a exclusão social e racial vivida por moradores do subúrbio.

Para Queen, sua militância com o hip-hop visa a conscientização das camadas populares, com ênfase nas mulheres negras de subúrbios, favelas e periferias, re-afirma e coloca em prática sua identidade de mulher negra no hip hop. É neste trabalho de conscientização da identidade de mulher negra com o hip-hop que surgem novos instrumentos que unem estas mulheres e permitem o processo de re-significação e re-construção identitária e a própria promoção da cultura hip-hop.

Durante a entrevista, Queen ressaltou também que a abordagem da mídia, e das autoridades em geral, faz com que as camadas populares não tenham acesso

a informações que possam alterar seus contextos de injustiças socioeconômicas e culturais, e contribuir para uma consciência cidadã pautada no reconhecimento de direitos na sociedade. Ela enfatizou o ocorrente contexto de criminalização da pobreza, tema fortemente explorado pela mídia que sempre associa violência ao subúrbio. E por último referenciou a exclusão social histórica vivenciada pelos moradores do subúrbio, e que esta vivência histórica também limita as perspectivas de seus moradores. Por esta razão, *“as meninas do subúrbio e das periferias quando estão dentro das comunidades acreditam que elas têm o mundo ali, e que aquele território é abrangente”*.

Segundo Queen,

Quando falamos com as meninas de comunidades, elas nos demonstram uma visão de mundo limitada, mas que para elas é grandiosa. Quando você se insere e mostra que existe um mundo além comunidade, e que ele não está distante delas como o sistema e a mídia impõem, surgem novas possibilidades para estas meninas. Porque toda esta construção de violência, que a mídia faz, ela mesma faz pra tornar o próprio morador refém. Então ali tem mercado, tem loja de roupa, e o cara começa a construir na cabeça dele que é por ali mesmo que ele vai ficar, comprar as coisas dele, por ali mesmo que ele vai trabalhar, porque se ele sair ele corre o risco de chegar e ter bala perdida, então você vai ficando getificado.

A descrição de Queen da realidade das meninas e mulheres de comunidades ilustra algumas características de nossas sociedades contemporâneas, estruturadas em meio a discriminações sociais, raciais e de gênero. Segundo a militante, é importante que atores sociais reconheçam este cenário, esta imagem que as classes médias e altas, bem como as próprias camadas populares, têm das classes baixas, dos moradores de periferias, e de seu território, para que assim possam desconstruir estes fundamentos historicamente estabelecidos, e que ainda hoje estruturam e alimentam o sistema de opressão em nossas sociedades. Como a própria militante coloca,

E os instrumentos que deveriam ser de transformação, que são os veículos de mídia aberta, que até é a maior contradição pois eles acabam manipulando as pessoas. Talvez isso que me instigou a fazer jornalismo, que é ir lá, buscar a ferramenta pra poder trazer e construir outro tipo de mídia, ajudar a produzir outro tipo de conteúdo, ajudar, aprender tecnicamente a atender outra realidade, que é esta realidade poética que a gente tem. Pra gente aprender a desconstruir tudo isso que é criado.

A militante acredita que *“a informação salva”*, e por isso ela assume o papel de quem leva a informação, que possam trazer possibilidades a outras pessoas. Queen se vê como militante não somente do projeto Rap de Saia, mas da

própria cultura hip-hop. É importante lembrar que a militante associa sua atuação no hip-hop a sua militância no movimento negro, fortalecendo assim, sua identidade de mulher negra.

Pode-se perceber enfim, que os três militantes entrevistados assumem seus papéis como líder nestes movimentos culturais. Estes jovens líderes da cultura hip-hop se tornam interlocutores importantes entre a juventude de periferia e comunidades e o universo do hip-hop em geral.

Gas-PA, Luck e Queen, apesar das distintas identidades confirmam sua conexão com o universo do hip-hop e com a relação existente entre o mundo hip-hop e o calão da rua, do subúrbio e da periferia. Todos eles assumiram em cada movimento, papéis que buscam mudar seus contextos e a realidade de suas comunidades. Porém, a busca por mudança se dá de diferentes maneiras, uma vez que estão fundamentadas em distintos propósitos e visões de mundo. É importante perceber que o “*projeto político*” de cada movimento influencia as identidades construídas no grupo e vice-versa. E, o projeto político de cada grupo também influencia os significados por eles construídos no que diz respeito à luta por direitos e transformação social.

#### **4.4.**

#### **Hip-hop: instrumento de luta? Transformação social?**

O hip-hop é uma cultura que definitivamente questiona o papel e o lugar da juventude de periferia nas sociedades dos séculos XX e XXI. As mobilizações e os agrupamentos juvenis refletem as condições de discriminação social e racial que estruturam a vida nas favelas e comunidades. Através do hip-hop a juventude apresenta indagações variadas, reflete ideologias distintas e transmite um chamado coletivo para uma luta por “transformação social”. Mas que transformação seria esta? Vários significados e diferentes usos do termo “transformação social” ocupam as mentes e dirigem as ações das lideranças no Movimento Cultural do Hip-Hop carioca. Pode-se dizer que existem divergências entre os grupos, que apresentam várias ideologias, crenças, visões de mundo e identidades.

Porém, a busca pelo conhecimento parece ser uma característica que sobressai em todos os coletivos. Os três jovens entrevistados revelaram que, de uma maneira ou de outra, a cultura hip-hop os instigou a buscar conhecimento não só sobre o hip-hop, mas também acerca de outros temas que os levassem ao auto-perfeiçoamento, a mudança de conduta e percepção da realidade. Apesar de nem todos defenderem o formato dos cinco elementos do hip-hop proposto por Bambaataa<sup>18</sup>, onde o quinto consiste no conhecimento, Gas-PA, Luck e Queen afirmam que a cultura hip-hop é sinônimo de busca por conhecimento.

Está claro que no Movimento Cultural do hip-hop, “revolução” ou “transformação social” oferecem um conjunto de significados que caracteriza a própria pluralidade do movimento. Os grupos envolvidos no movimento não apresentam as mesmas ideologias. Algumas coletividades ainda hoje mantêm os seus fundamentos conforme a proposta inicial do movimento hip-hop, outras apesar de ainda intrinsecamente vinculadas à cultura apresentam uma abordagem de atuação diferenciada.

**Coletivo Hip Hop LUTARMADA –*Transformação social significa “superação da sociedade de classe”.***

Em um extremo do escopo, os militantes do LUTARMADA definem como princípio da transformação social *“a superação da sociedade de classe. Uma sociedade sem classe, sem dominados e dominantes. Sem trabalhador que trabalhe num grande grupo que seja propriedade privada de um pequeno grupo que detém os meios de produção”*(Gas-PA).

De acordo com Coletivo Hip Hop LUTARMADA, a forma na qual está organizada nossa sociedade; o sistema capitalista é o maior inimigo de uma sociedade mais democrática e igualitária. Para Gas-PA,

Todas as outras desigualdades sociais são filhas desta forma de organizar a sociedade. Para uma sociedade que se organiza baseada na opressão, toda e qualquer forma de opressão serve pra alimentar esta forma de organizar. Por esta razão, uma sociedade capitalista se beneficia muito do machismo, do racismo, desta relação utilitária que o ser humano tem com a natureza. Então, lutando contra esta sociedade de classe, a gente tem também em vista, a superação de toda e qualquer forma de exploração. As coisas estão interligadas, o mundo é dialético, as coisas não estão soltas. Tudo tem ligação. A nossa luta enxerga estas variantes. Como eu posso dizer: a luta de classe é um rio e estas variantes são os

<sup>18</sup> Afrika Bambaataa definiu o Hip Hop como uma cultura de 5 elementos: O DJ, o MC, o Breakdance, o grafite, e o conhecimento.

afluentes deste rio: a luta contra o machismo, a luta contra o racismo, a luta por uma outra relação do ser humano com a natureza, contra a violência.

Gas-PA relaciona a origem dos problemas da sociedade atual com o capitalismo, “*na exploração de um ser humano sobre o outro*”. Sua perspectiva política e ideológica, como já foi dito anteriormente, foi construída por meio de estudos de ideologias marxistas e socialistas através de cursos de formação com MST e leituras independentes.

Sua identidade é percebida através de sua atuação no movimento. Ao revelar ser um “*preto com consciência de classe*”, ele aponta também que seu objetivo é a luta contra as várias formas de opressão em nossa sociedade. Para ele, a “*transformação social viria da organização popular*”, da construção de outro referencial pelas camadas populares, pelos de baixo, pelos pobres deste mundo que até hoje não conseguem conjugar igualdade e cidadania no dia-a-dia. Ele prega a revolução baseada em ideologias de esquerda, uma verdadeira transformação social. O LUTARMADA ilustra a resistência ao capitalismo globalizado. O significado de transformação social para os agentes do LUTARMADA diz respeito a uma transformação de códigos culturais e políticos que mobilizam a sociedade. O perfil do movimento social ilustra uma perspectiva que visa transformar as relações humanas estruturadas na sociedade em seus níveis mais fundamentais.

Em uma das músicas de *O Levante*, autoria de Gas-PA, o grupo faz um apelo à população a participar do Bonde da Revolução<sup>19</sup>, chamando as pessoas para a luta por transformação social.

No entanto, segundo Gas-PA os movimentos comprometidos com uma verdadeira transformação societária, que combine uma mudança de rumo nas práticas políticas, econômicas e sociais estão cada vez mais raros atualmente. Por esta razão, se torna cada vez mais difícil agregar militantes, em outras palavras, atores sociais dispostos a comprometer-se com a luta. Para o militante, a atuação nas favelas fica cada vez mais debilitada, “*porque as comunidades estão muito viciadas nas ações clientelistas. E a gente não tem muito a oferecer em troca. O que a gente tem pra oferecer é uma perspectiva da luta por esta transformação que a gente almeja*”.

---

<sup>19</sup> Ver parte da letra na página 87.

O que o LUTARMADA pretende com o movimento é oferecer um espaço de conscientização política para as populações das comunidades. Em outras palavras, é criar um lugar de reflexão sobre os contextos miseráveis das comunidades, sobre a discriminação social e racial histórica, e sobre a pobreza e desigualdade que assolam as vidas dos *de baixo*, que precisam lutar toda sua vida, e mesmo assim, na maioria das vezes, continuam em posições desprivilegiadas na sociedade. O movimento oferece uma oportunidade de discutir direitos, de exercer uma forma diferenciada de cidadania, a medida que as pessoas vão encontrando elementos comuns e se comprometem a lutar por esta transformação social.

Porém, segundo Gas-PA esta perspectiva nem sempre é o que as camadas populares têm em mente. Primeiro, conforme dito anteriormente, devido ao fato dos moradores de comunidades estarem acostumados com as práticas clientelistas que historicamente estruturam as relações em nossa sociedade. Segundo, porque a lógica do mercado propagada pela mídia e pela sociedade de maneira geral foca no “indivíduo” como o agente de seu destino, senhor de seu caminho e como o completo responsável por seu sucesso ou fracasso. Estes fatos, para o líder, são verdadeiros impedimentos para a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária.

O LUTARMADA, por esta razão é um movimento com um perfil de resistência que não tem a ambição de se inserir nos grandes veículos de comunicação através da música. Como revela um de seus próprios raps, “*A revolução não será televisionada*<sup>20</sup>”.

Outro fator a ser mencionado, é a própria perspectiva socialista do LUTARMADA, que acaba intimidando algumas pessoas que não compartilham desta perspectiva, como alguns grupos dentro do Movimento Cultural do Hip-Hop, que escolhem não participar de eventos com o coletivo. Por este motivo os militantes e artistas do LUTARMADA também preferem, muitas vezes, não participar de alguns eventos patrocinados por instituições privadas em parcerias com órgãos públicos. Um exemplo disso foi o *Hip Hop Celebra*, que contou com o apoio da Secretária de Cultura e de Educação do Rio de Janeiro e instituições privadas, entre elas a Red Bull e a Oi Futuro. Em outras palavras, o

---

<sup>20</sup> *The revolution Will not be Televised*, (A revolução não será televisionada), é o nome de um que se tornou uma canção e, mais tarde, o título de um álbum. É de autoria de Gil Scott-Heron, um poeta, músico e autor americano negro de grande influência nas produções do *Soul music*. Scott-Heron é um dos ídolos de Gas-PA.

LUTARMADA tenta se afiliar aos movimentos sociais e organizações que compartilham de suas ideologias e perspectivas políticas. O LUTARMADA é uma expressão cultural da esquerda no Rio de Janeiro.

**Grupo Breaking Consciente da Rocinha** – *“Mudança do indivíduo, fazer você crescer por si mesmo”*.

Uma visão que se localiza no outro extremo da pluralidade do Movimento Hip-Hop é a de Luck, do **GBCR**. Luck afirma que a cultura hip-hop não surgiu com um propósito de transformação social, e sim porque os negros e latinos no Bronx queriam dançar, cantar e se expressar artisticamente. Por isso, eles começaram a criar o *break* a partir dos passos do Soul, o rap a partir de outras artes da oralidade, o *scratch* a medida que começaram a criar com os discos etc. A visão de Luck é diferente da apresentada por estudiosos, como Pimentel (1999), Rose (1997), que afirmam que a cultura hip-hop é fruto da resistência da juventude dos guetos americanos, que tentava através das artes nascidas no calão da rua questionar as condições marginalizadas do gueto. Deste modo, a cultura hip-hop teria nascido como expressão de resistência às condições vivenciadas pelas classes populares.

Segundo Luck, o GBCR não apresentava em seu início uma proposta de transformação social, pois o grupo nasceu do desejo dos garotos e garotas da periferia de dançar break. Com o tempo as aulas de break ministradas pelos b-boys e b-girls foram aumentando e os objetivos do grupo se modificando. Eles decidiram se institucionalizar e assim adequar o grupo as exigências de ONG, e poder receber financiamentos para projetos maiores que abarque atividades diversas com o hip-hop. *“A gente não começou com este objetivo, só que transformou nele para concretizar os projetos sociais que a gente estava pensando,”* revela Luck.

Luck acredita que a saída para transformar é através do trabalho árduo, da dedicação e do foco no crescimento pessoal. Ele defende que *“a cultura hip-hop muda o indivíduo naturalmente”*, pois oferece uma oportunidade para este pensar, buscar conhecimento sobre a arte, buscar informação sobre outros assuntos, outros tipos de música, entre outras coisas. O líder afirma que, os indivíduos que entram para o hip-hop *“mudam naturalmente. Porque a cultura não está ali pra mudar*

*nada. Simplesmente ela está para se mudar. Para mudar o indivíduo e fazer você crescer por si mesmo”.*

Segundo o líder, o GBCR já participou em eventos políticos que reivindicavam mudanças sociais, como um ato-show contra a presença das tropas brasileiras no Haiti, organizado pelo LUTARMADA, passeatas e eventos do MST, reuniões da Posse Zumbi do Palmares, reivindicações com a Frente Luta Popular e as Mães de Acari. A relação do GBCR com estes grupos é boa, porém o GBCR nem sempre abraça as causas propostas por eles. Eles participam quando são convidados para eventos, mas não levam a diante as reivindicações. Luck revela que o grupo participa porque ele considera importante, mas não porque o GBCR vai “*levantar aquela bandeira*”. Para Luck, “*a época de revolução passou. Hoje a revolução é mental*”.

O GBCR está mais preocupado em construir uma imagem positiva do hip-hop que possa atrair adeptos para a cultura, bem como patrocinadores para os projetos. O grupo, apesar de não apresentar um discurso político voltado para uma transformação societária estrutural, é um projeto social que atende pessoas em vários lugares do Rio. Os membros são respeitados pela comunidade e considerados exemplos na vida dos jovens e crianças participantes nos projetos.

O GBCR é reconhecido não somente pela comunidade, mas também por outros grupos e instituições. Eles já realizaram show na Câmara dos Vereadores e usualmente são convidados para dar palestras sobre o hip-hop em presídios e hospitais. No *Hip Hop Celebra*, o GBCR esteve presente e segundo Luck o grupo sempre recebe uma atenção especial, “*a gente roubou a cena no Hip Hop celebra. Fica até chato, porque muitos grupos estavam ali. Mas é muito respeito da galera. É muito tempo de fazer a coisa séria, nunca ter dinheiro, não captar muito recurso e continuar fazendo*” (Luck).

### **Rap de Saia – “Transformação no Cotidiano e nas Perspectivas das mulheres negras de periferia”**

Ilustrando outra vertente do movimento hip-hop, **Queen** afirma que “*o objetivo principal do projeto é transformar e causar a transformação no cotidiano. Porque, a partir do momento que você vem com o discurso, mostrando outra realidade, este intuito de mostrar é transformar*” (Queen).

A proposta de transformação social de Queen implica uma mudança nas perspectivas e na visão de mundo das meninas e mulheres participantes nas oficinas. Em outras palavras, diz respeito à construção de um pensamento crítico que *“vai permitir que esta mulher enxergue suas possibilidades na sociedade, dentro e fora das comunidades”*. Por este motivo é tão importante para as rappers mostrar a força e a vontade das mulheres em seguir seus objetivos através do rap, mesmo enfrentando o preconceito.

Então, no fundo o objetivo principal é o ativismo, através da cultura hip-hop, que é o que eu costumo dizer, re-paginar: que é você participar, olhar, tentar ver você hoje, e tentar ver você depois a partir do momento que você começa a fazer aquele trabalho (Queen).

Quando Queen fala de transformação através da cultura hip-hop, ela se baseia em sua própria experiência, que é a mudança e o crescimento individual por meio da cultura hip-hop. Segundo a militante, sua experiência revela os dilemas e desafios enfrentados por moradores do subúrbio. Queen conta um pouco de sua história:

A gente é pobre, mas minha mãe sempre tentou me criar com tudo de bom e de melhor, o que é uma característica da Zona Oeste e da Baixada, que é criar aquele filho que nasceu pobre, e tentar dar uma condição mínima pra ele melhor que o ambiente onde ele vive, para ele achar que ele é melhor. Mas na verdade isso não tem melhor. Então, seu pai faz de tudo para pagar um cursinho de inglês, um colégio, mas você dentro de casa vai continuar passando as mesmas dificuldades. E aí isso aliena. Então quando eu engravidei aos 15 anos, eu me vi focada em um mundo que não era meu. Eu queria como qualquer adolescente sair, passear, namorar. Eu não queria casar, e então eu optei ficar com o filho sozinha.

Segundo Queen, foi a cultura hip-hop que a fez pensar sobre sua realidade, e considerar suas opções para modificar este quadro. A poesia presente nas letras de rap que ela escutava e escrevia lhe permitiu pensar e refletir sobre caminhos que ela gostaria e poderia seguir:

Eu procurei olhar, e foi aí que o bicho estalou. E quando “estalou”, eu me envolvi com a cultura hip-hop. Eu pensei que diversas meninas precisavam deste “estalar”. Desta forma de tentar se ver, tentar se impor, de não achar que você é só um corpo pra tentar gerir filhos, saber que você não é só um corpo com apelo sexual. O discurso do hip-hop me impulsionou e me encorajou a produzir oralidade, pra poder combater isso. Mostrar outros caminhos (Queen).

A transformação que Queen sugere através do Rap de Saia, bem como outros projetos aos quais ela se dedica está relacionada ao universo da mulher como um todo. O projeto oferece um espaço de discussão de variados temas e

assuntos que envolvem a mulher, refletindo um pouco da história e experiência de Queen. O projeto busca, através das oficinas, capacitar estas mulheres, oferecendo recursos e reflexões intelectuais que possam auxiliar estas mulheres a enxergar este cenário e buscar transformar seu cotidiano. Trata-se de uma transformação individual que abarca o cotidiano de mulheres pobres, muitas delas negras, muitas envolvidas com o hip-hop, que vivem nas periferias do Rio de Janeiro.

Queen reconhece que existe um sistema socioeconômico, político e cultural que estrutura o contexto de desigualdades e injustiças que permeia o cotidiano das periferias. Com o foco principal na mulher negra da periferia, o Rap de Saia visa também o enfrentamento destas injustiças socioeconômicas e culturais que arquitetam nossa sociedade como um todo e tentam oferecer novos olhares para estas mulheres através de um espaço para o questionamento da realidade.

O rap como arte, neste projeto serve de instrumento e incentivo para outras mulheres. Para Queen, o rap pode representar uma identidade que fortalece esta mulher, para que ela encontre novos horizontes na sociedade. Em outras palavras, o rap pode possibilitar questionamentos, instigar reflexões, permitir uma reavaliação de atributos culturais, biológicos, raciais, sociais, econômicos, e de gênero, e a partir daí novos significados podem emergir. Queen revela que pelo rap um indivíduo pode passar pelo processo de definir sua identidade e assumir seu discurso “ver uma identidade, de você reconhecer, porque através do rap você consegue ter a voz. No rap você é um “porta voz”. Você é um orador. Você que vai expor sua verdade”.

Queen se diferencia muito dos outros dois líderes entrevistados, principalmente por seu foco no gênero. A militante acredita que o preconceito de gênero ainda é muito forte na sociedade e dentro do movimento. O Rap de Saia não é o único projeto que privilegia a mulher e trata de refletir e reconhecer as questões do gênero na sociedade.

Enfim, são vários os movimentos, projetos e organizações no Rio e no Brasil que objetivam combater a discriminação racial e de gênero, bem como a violência contra a mulher na sociedade brasileira. Alguns deles foram capazes de transformar suas reivindicações em políticas públicas que lutam para promover a equidade de gênero e de raça, passando a ser reconhecidos e respeitados na sociedade. Ilustrando esta possibilidade, podemos citar Maria da Penha Maia

Fernandes, que ao lutar veementemente para que seu agressor fosse preso, acabou colaborando com a luta que visa a proteção dos direitos da mulher. Hoje Maria da Penha, é a líder de um movimento que defende os direitos das mulheres, principalmente as vítimas de violência doméstica. A lei Maria da Penha mostra a força destas mulheres que se uniram em busca de um objetivo. Ela demonstra também que as reivindicações e conquistas dos movimentos sociais dos anos 1980 não foram em vão, mas representam uma possibilidade na luta por direitos e exercício da cidadania em nossa sociedade.

Desta forma, pode-se então afirmar que os movimentos culturais de hip-hop, apresentam perspectivas bastante diferenciadas. Embora todos os grupos entrevistados utilizem o mesmo veículo cultural, o hip-hop, os propósitos observados em cada grupo são distintos e designam formas de atuação diferenciadas, chegando a alguns casos a ser antagônicos. Esta pesquisa revelou o forte caráter plural do movimento, apresentado através das diferenciadas agrupações da juventude de periferia. Esta pluralidade revela muitas vezes tensões entre líderes e grupos. Porém, todos os grupos expressam as vozes da juventude de periferias e conjugam uma tentativa de mudança na vida desta camada social.